

O presente trabalho foi escrito por Perillo no início da década de 80, para ser lido em Loja Maçônica.

I - O DEUS QUE OS HOMENS CRIARAM

1 - TERROR:

O ser Humano primitivo sempre teve que enfrentar, para poder sobreviver, inúmeras forças adversas. Precisava dominar o frio, o calor, os ventos e, ainda, mais aterrorizantes, o raio, o trovão, o fogo, os terremotos e etc.

Em face de tudo, de todos os mistérios de sua existência, o primitivo só via duas maneiras de agir; ou combatia, ou fugia. Mas, como lutar contra o raio? Como fugir do vento e do frio? Como dominar essa força misteriosa, como fugir dela, ou de maneira mais ousada, como fazê-las trabalhar para ele?

E o homem criou seus primeiros rituais místicos, baseados na necessidade muito animal de sobreviver. E então, por meio de gestos, palavras e atitudes, procurava dominar, desviar tudo o que não podia entender, e portanto, era aterrorizador.

Nascia a Religião, muito primitiva, mas adequada ao primitivismo do homem, dominado pelo medo, querendo fugir do incompreensível e, ao mesmo tempo, compreendê-lo, para o dominar, mas ainda dominando o medo de ser dominado e sem caminho de fuga.

E, o Terror, a veneração aterrorizada, foi o primeiro contato do Homem com seu Criador, sua primeira idéia de Deus.

2 - TEMOR:

Com o tempo, o Homem começa a ver que, ao lado de seu efeito destruidor, o fogo também aquecia, que a chuva pode ser tão maléfica como benéfica, que em todas as coisas podem ser achados valores positivos, ao lado dos valores aterrorizantes a qual estava acostumado. E o Homem tem sua primeira noção de que, se Deus pode ser mau, também pode ser bom. Se existe um poder do Mal, também existe o poder do Bem. Se o poder do mal o aterroriza, agora existe o poder do bem que o alegra. E, entre o Terror e a Alegria, instala-se o Temor, regido pela incerteza, amaldiçoado pela Dúvida e abençoado pela Esperança.

É nesta fase que nos encontramos agora. Para solidificar a Esperança, para ter um objeto a quem atribuir todas as coisas más, o Homem criou a dualidade Deus-Demônio, colocando em Deus tudo aquilo que julga ser bom, deixando ao Demônio todas as coisas sentidas como más.

Pensando e sentindo como Homem, foi elaborada uma idéia de Deus segundo padrões humanos. Se havia necessidade de guerra, Deus era visto em reluzentes armaduras, empunhando uma espada invencível, dono de truques estratégicos fabulosos. Se a

necessidade era ter filhos fortes e saudáveis, Deus era visto como um mulher fecunda, cujo ventre nunca negava filhos, cujos seios sempre cheios nunca negavam leite. Mas, como podia um Deus guerreiro ser ao mesmo tempo mãe? Como podia um ser bom caber em uma armadura feroz?

Para a mente primitiva do Homem, isso é fácil de ser resolvido; basta criar mais de um Deus. Assim surgiram os chamados deuses auxiliares, logo distribuídos pelo Homem segundo uma escala de tarefas e de importância hierárquica, tal como o Homem tinha estabelecido para si mesmo.

Enfim, Deus foi visto como a máxima perfeição da Humanidade, e o Homem ficou satisfeito com isso, pois poderia, ao fim de longas lutas, chegar à mesma perfeição de DEUS, e se tornar ele mesmo um deus.

Nossa história registra o nome de muitos homens que, em suas épocas, representaram o máximo de perfeição humana, isto é, realizaram ao máximo sua "Humanidade". Sabemos também, que existe uma perfeição máxima para cada espécie viva no nosso mundo. Por exemplo, existe agora, em algum lugar de nosso planeta, um cavalo que realiza plenamente a "cavalaridade" que todos os demais, assim como existe um leão que realiza sua "leonidade" mais que os outros. Poderíamos dizer que se tratam de imagens de um provável deus cavalo, ou um deus leão?

Pois, por incrível que isso possa parecer, os Homens também criaram seus deuses animais, representantes máximos do animal mais importante para seu povo. Assim, os hindus divinizaram o boi, os índios norte-americanos o búfalo branco, os egípcios o crocodilo. E, como animais, são assim chamados seres inferiores, dominados e caçados pelo Homem, os deuses animais logo se humanizaram. E surgiram os deuses humanos com cabeça de animal, e os deuses animais com cabeça humana, como são exemplos Anubis e a Esfinge.

Enfim, o Universo foi povoado de deuses, infinitamente perfeitos. Então, como explicar a imperfeição, os erros, enfim, o Mal?

Surgiu a idéia de um anti-deus, senhor de tudo o que é mal, Príncipe das Trevas, em eterna luta com o Senhor da Luz, com a finalidade muito humana de conquistar o Universo, fazer o Homem servir com humildade o vencedor da infinita guerra.

E à Potência do Bem, foi dado o nome de DEUS, à Potência do Mal, foi dado o nome de Satã.

Satã foi tornado responsável por todos os erros do Universo, e por Satã e seus demônios foram explicadas todas as fraquezas do Homem, que em sua infinita arrogância, sempre quis imitar DEUS, ser igual a DEUS, portanto, ser tão perfeito como sua imagem da Divindade, tão impossível de errar como DEUS.

Notem, até agora apenas assistimos uma espécie de criação às avessas. Vimos o Homem criando DEUS, vimos o Homem criando Satã.

E vimos como o Homem, em sua eterna luta pelo perfeito,

povoou o Universo de deuses e demônios, que brincavam conosco como um garotinho com seus bonecos, ou até como hábil enxadrista ao executar uma brilhante partida, até não decidida.

O DEUS que os Homens criaram pode ser descrito como infinitamente justo, infinitamente perfeito, infinitamente bom, enfim, infinitamente homem, um perfeito super-homem.

Em DEUS tudo é bondade, e DEUS para ser o mais perfeito possível, teria de ser único, pois não pode haver outro como ELE. Contudo, há uma espécie de negativo de DEUS, também único. Seria o superlativo do homem em sua essência bestial, perversa, impura.

Aí está o Deus do Homem atual. Aí está a religião atual baseada no Terror e na Incerteza. Deus ou Satã? Escolhei agora a quem deveis servir. Ninguém pode servir a dois Senhores. Escolhei o caminho que leva à Salvação, ou o que leva à perdição, ambos eternos. Luz eterna, ou trevas que nunca terão fim?

Eis, o grande dilema do Homem, sua maior crise vivencial. A eterna esperança de um Paraíso, ou o eterno terror de um Inferno.

3. - AMOR:

Mas, o Homem continuou a procurar a Verdade, continuou a ser objeto de especulações filosóficas, e aos poucos, vai sendo encontrada. Deus, aos poucos, deixa de ser visto como um super-homem, e o Homem de ser um candidato a Deus. Aos poucos, as coisas vão sendo definidas, e DEUS vai sendo encontrado.

O homem aprende a procurar DEUS, sem se preocupar em fugir de Satã. Ocupa-se mais com as coisas positivas, sem se preocupar com valores negativos. Agora, o Homem age, não mais reage. Ergue mais Templos à Virtude, que masmorras ao Vício. Aos poucos, o Homem deixa de temer, e aprende a Amar. Não precisa mais criar seus deuses, pois a Verdade aos poucos é achada. DEUS se torna uma realidade presente, enquanto Satã se reduz à sua insignificância de bicho-papão. Começa, em nosso mundo, a religião do AMOR. O Deus que os Homens criaram cede lugar ao Deus que criou os Homens, o artifício dá lugar à Verdade.

II - O DEUS QUE CREOU OS HOMENS:

O Homem, eterno curioso, pergunta então: como é este DEUS?

E, cada um tem sua resposta, cada um tem sua figura de DEUS, cada um jura que a sua é verdadeira, todas as outras são heréticas. Com quem a Verdade? Com todos, com ninguém, ou com uns poucos selecionados?

Creio que todos conhecem a estória dos cinco cegos e o elefante. Cada um palpou uma parte do animal, cada um ficou com sua imagem, que jurava ser a certa. Um dizia ser o elefante como uma imensa cobra, por apenas ter sentido sua tromba, outro dizia ser como uma lança, por ter sentido suas presas de marfim, outro jurava ser como uma árvore, por ter abraçado uma

perna, o quarto disse ser o elefante apenas um tipo de parede áspera, por ter passado a mão na pele do animal, o último afirmava que todos os outros estavam errados, que o elefante nada mais era que um espanador que se mexia, por ter apalpado a cauda.

Com quem a Verdade? É evidente que não se pode dizer que todos estão certos, muito menos que estão errados. Cada um apanhou uma parte da verdade, não o todo. Se somarmos as partes, o que teremos? Um elefante? Ou uma parede construída junto a uma árvore, com uma cobra segurando uma lança de um lado, e um espanador móvel de outro? Nada menos parecido com um elefante que isso.

E quando queremos saber de DEUS?

Enquanto nós, cegos de espírito, queremos perscrutar o Infinito, palpando-o com nosso intelecto falho, pobre e defeituoso.

Poderemos saber quem é, e como é DEUS? Duvido. Talvez, se tomarmos como ponto de partida a nós mesmos, possamos entrever como DEUS **não É**, e nada mais.

Podemos dizer que todos os atributos de DEUS, criados pela escala humana de valores, não se passa de uma tentativa de ver por olhos cegos, e o que é visto, pode ser tanto verdade, como o elefante dos cegos.

Não posso crer em um Deus que seja uma espécie de super-homem, porque DEUS nem humano é.

Não posso crer que DEUS seja infinitamente bom, porque os conceitos de bom e mau são humanos. Bom é aquilo que me serve em tal momento, sob tais circunstâncias. Assim uma arma carregada, pode ser má aqui dentro de nossa Loja, mas boa e altamente desejada, se estivermos perdidos no meio do mato.

Diz uma lenda árabe, que de tanto ouvir os Homens reclamarem do Mal, Alah quis atendê-los. Enviou uma mensagem à Humanidade: *"Tragam tudo o que for mau, desprezível, corrupto, para o meio do Saara. Farei descer fogo dos céus, e consumirei para sempre essa imundície"*. E deu um ano de prazo, para que os Homens assim fizessem. As caravanas se sucederam no deserto. Cada homem trouxe o que julgava ser o pior para si. Um trouxe a mentira, outro o crime, outro o vício, e assim por diante. E se formou uma imensa montanha de coisas no meio do Saara. Findo o prazo, quiseram os homens presenciar o espetáculo inédito de cair fogo dos céus, e uma imensa multidão se formou no meio do deserto.

Aí, a voz de Alah se fez ouvir novamente: *"Cuidado homens! Não sejam apressados nem descuidados. Será que no curto prazo de um ano, na pressa de ver o Mal destruído, vocês não trouxeram alguma coisa de bom, útil, por engano? Procurem bem nesta pilha, retirem tudo o que for de bom e útil, aproveitável, pois poderá tudo ser destruído com o mal"*. Novamente foi dado o prazo de um ano para que isso se fizesse. A multidão avançou no deserto, e começou a catar coisas. Quando saiu o último Homem, o deserto estava vazio, nada havia para Alah

destruir.

Como posso, pois dizer que DEUS é bom, justo, perfeito, se bondade, justiça e perfeição são critérios humanos de julgamento?

Poderia até cair na asneira de dizer que DEUS é bom, quando me atende no que peço, mau quando me nega algo a que me julgo no direito. Que DEUS é justo quando está ao meu lado, injusto quando ao lado de meus inimigos ...

Na verdade, não posso dar atributos a DEUS, porque não tenho competência para julgar DEUS, e dizer que ELE é isso ou aquilo. Nem sequer posso dizer que DEUS é Senhor de tudo que é bom, pois não sei o que é bom, no conceito de DEUS ...

Sei apenas que DEUS EXISTE. ELE simplesmente É. Não precisa e nem depende de conceitos, ou explicações. Pura e simplesmente É.

E, aceitando DEUS, nego a existência de Satã como entidade. Assim como aceitando a luz, nego a existência de uma coisa chamada de escuridão. Não existe o escuro. O que existe é a luz, que está ou não presente em determinado local. Assim como a ausência da luz determina a escuridão, a ausência de calor determina o frio, a ausência do som determina o silêncio, a ausência do Bem determina o Mal, o Homem que se afasta de DEUS se torna, ele mesmo, um demônio, uma espécie de Satã. Satã não existe. Existe apenas um Homem de costas para DEUS, um Homem que se opõe à DEUS, um Homem que ainda teima em ser deus no lugar de DEUS.

Por isso tudo, o DEUS cultuado em nossas Lojas não tem nome. Não é o mesmo deus que os Homens criaram e batizaram de Siva, Buda, Alah, Tupã e etc.

Nosso DEUS não é conhecido ainda. Para nós, o Grande Arquiteto do Universo, o Geometra, simplesmente existe, sem nome, sem imagens, sem antropomorfismos, sem adjetivos.

Glória, pois, ao Grande Anônimo de mil nomes, ao Desconhecido de mil rostos, a DEUS simplesmente.